



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
MEMÓRIA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**PRISCILA DE JESUS MACHADO**

**MANUAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA PESQUISADORES  
BAIANOS**

**SALVADOR  
2013**

**PRISCILA DE JESUS MACHADO**

**MANUAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA PESQUISADORES  
BAIANOS**

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, apresentada como requisito parcial à obtenção do diploma de graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Bortoliero.

**SALVADOR  
2013**

## **RESUMO**

O manual de divulgação científica para pesquisadores baianos é um guia prático para auxiliar pesquisadores que têm interesse em divulgar seus trabalhos. Pretende trazer informações úteis sobre revistas especializadas, contatos de veículos para a sugestão de pauta e encaminhamento de pesquisas, e editais que apoiam a divulgação. Além de exibir um resumo dos principais jornais, de diferentes formatos jornalísticos do estado e dar dicas de como se comportar ao entrar em contato com a imprensa, o manual também incentiva os pesquisadores, citando motivos para promover a divulgação e pontuando alguns benefícios que a divulgação científica pode proporcionar.

**Palavras-chave:** Divulgação científica, jornalismo científico, pesquisadores baianos e manual de divulgação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>7</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1. GERAL.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2. ESPECÍFICO.....</b>	<b>8</b>
<b>3. ASPECTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1. AUSÊNCIA DE UMA POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO EFICIENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2. DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E JORNALISMO CIENTÍFICO: CONCEITOS.....</b>	<b>10</b>
<b>3.3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL.....</b>	<b>11</b>
<b>3.4. O PIONEIRISMO DE JOSÉ REIS.....</b>	<b>12</b>
<b>3.4. COMO O JORNAL PODE CONTRIBUIR PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....</b>	<b>14</b>
<b>4. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>14</b>
<b>4.1. PESQUISA TEMÁTICA.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2. SUBDIVISÕES.....</b>	<b>15</b>
<b>4.3. FONTES.....</b>	<b>15</b>
<b>4.5. INVESTIMENTO PARA PRODUZIR O MANUAL.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## INTRODUÇÃO

A Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom-UFBA) vive um momento importante em relação à divulgação científica. Algumas iniciativas têm sido tomadas para promover a divulgação das pesquisas no estado. Em 2010, foi criado o curso de especialização em jornalismo científico, reunindo 20 profissionais da área. Em 2011, foi disponibilizada na internet a Agência de Notícias em Ciência, Cultura e Inovação com as primeiras notícias, entrevistas e um banco de fontes com os contatos de pesquisadores de diversas áreas de conhecimento do estado da Bahia.

Juntos, esses projetos realizam uma dupla função: a de capacitar os jornalistas baianos a trabalhar com temas relacionados à CT&I e de colocar em prática essa capacitação através da produção de notícias sobre o tema. Tive o prazer de colaborar com o trabalho da agência de notícias, ainda na fase inicial, e durante o desenvolvimento do meu trabalho como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) percebi que algumas ações poderiam ser feitas para melhorar a relação entre fonte especializada e veículo de comunicação. Pensei em fazer um manual para ajudar os jornalistas a desenvolver matérias sobre Ciência e Tecnologia, mas essa ideia já havia sido abraçada por uma companheira da especialização. Foi aí que pensei em fazer o contrário, um manual de divulgação para pesquisadores baianos para ajudar os pesquisadores a manter contato com a mídia comum e especializada.

Na medida em que consultei os sites das pós-graduações da UFBA percebi uma infinidade de pesquisas interessantes que, muitas vezes, não chegam ao conhecimento do cidadão comum. Muitos pesquisadores de comunicação se queixam da forma como a notícia é produzida. Leva-se em conta unicamente a divulgação do acontecimento, sem confrontar opiniões, pesquisar o tema ou ouvir fontes especializadas. Entretanto, há vários fatores que levam à superficialidade da notícia. Se por um lado, há pesquisador que não gosta de conceder entrevista por achar que os jornalistas distorcem as informações ou simplificam muito. Por outro, os jornalistas reclamam da falta de clareza e da arrogância de alguns cientistas. Para desfazer essa barreira deve haver preparação dos dois lados. Os jornalistas podem se especializar e os cientistas serem orientados quanto à rotina produtiva da mídia.

No estado, outro grande problema é a falta de comunicação entre as instituições de pesquisa e as empresas de comunicação. Problema já observado por Bortoliero e Rocha (2010): “A função da assessoria está mais direcionada para os assuntos da Reitoria do que

para a interação da universidade com os veículos de comunicação na tarefa de divulgação da ciência”.

É claro que a publicação de notícias sobre ciência e tecnologia não depende unicamente do pesquisador. Por sinal, muitas vezes, eles são os últimos interessados em divulgar suas pesquisas em jornais comuns. Entretanto, quanto maior facilidade houver em contatar os pesquisadores, maior a probabilidade de obter uma boa matéria. Afinal, como afirma Bueno (2011), o trabalho do jornalista depende das fontes.

Para Falcão (2005), a divulgação científica depende de uma dupla hélice: “tão importante quanto subsidiar o trabalho dos jornalistas científicos é preparar os próprios cientistas para lidar com a imprensa”. Entre o leque de atividades e publicações sobre a divulgação científica que vem sendo realizadas na Facom-UFBA, a função desse manual é orientar os pesquisadores sobre os veículos de comunicação e prepará-los para lidar com a imprensa.

## 1. JUSTIFICATIVA

A ideia de produzir o Manual de Divulgação Científica para Pesquisadores Baianos surgiu durante o ano de 2010, quando trabalhei como bolsista da Fapesb. Durante esse período, produzi entrevistas e matérias para a Agência de Notícias da UFBA. A redação da Agência de Notícias da UFBA é mais flexível em relação ao tempo de produção das notícias. Esse tempo pode levar em média uma semana, a depender da quantidade de fontes recorrentes e da complexidade do assunto. Ainda sim, alguns jornalistas não conseguem cumprir o Deadline (tempo de entrega da reportagem) devido à dificuldade em manter contato com o pesquisador. Nas redações esse tempo é ainda menor, o Deadline do jornalista é de um dia ou, muito raramente, de três dias.

Manter contato com os pesquisadores das universidades era a etapa mais difícil da produção da reportagem. Era preciso vasculhar os sites das pós-graduações e o currículo Lattes em busca de linhas de pesquisa interessantes e de contatos dos respectivos pesquisadores. Muitos não disponibilizavam contato no site da pós-graduação e não respondiam ao e-mail que a equipe da Agência encaminhava. Muitas vezes, só foi possível manter contato depois da terceira visita ao departamento ou laboratório do pesquisador. Alguns pesquisadores demonstravam interesse em divulgar seus trabalhos, outros não eram tão receptivos. Durante as entrevistas também era comum que o pesquisador perdesse o foco ou usasse termos técnicos sem explicar o significado.

O principal aspecto que prejudica o contato com a fonte especializada, entretanto, é a falta de interação entre os pesquisadores e as assessorias das universidades. As pesquisas produzidas na universidade não são divulgadas no portal da UFBA, ou no site da UNEB. A assessoria de comunicação das universidades também não disponibiliza uma relação de contato dos pesquisadores, nem encaminham a produção científica como sugestão de pauta para as redações dos jornais baianos, problemas que foram reduzidos em parte, com a criação da Agência em Ciência Tecnologia e Inovação da UFBA.

Esse conjunto de empecilhos para a produção de notícias sobre CT&I me impulsionou a produzir esse trabalho, na tentativa de incentivar os pesquisadores a serem mais acessíveis, orientá-los sobre a rotina produtiva da mídia e oferecer contatos de veículos de notícia. Em outras palavras, diminuir a distância entre jornalistas e pesquisadores.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Produzir um manual com informações que incentivem e ajudem pesquisadores baianos a atender à imprensa comum e especializada e a divulgar suas pesquisas. O manual deve ser produzido a partir da leitura de livros sobre divulgação científica e sobre jornalismo. Bem como, da consulta de periódicos e de várias fontes disponíveis na internet como o site da Ciência e Cultura: Agência de Notícias em CT&I da UFBA, o site da Multiciência agência de notícias da UNEB de Juazeiros, o site da FAPESB, dentre outros.

### **2.2. ESPECÍFICOS**

- Exibir motivos para promover a divulgação
- Dar dicas para que os pesquisadores se tornem mais acessíveis
- Exibir o contato de veículos de comunicação comuns e especializados



### 3. ASPECTOS TEÓRICOS

#### 3.1. AUSÊNCIA DE UMA POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO EFICIENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A promoção da divulgação científica não depende apenas da iniciativa de pesquisadores. Esse é apenas um dos aspectos que pode ser melhorado com orientações, projetos e até cursos de *Media Training*. A principal dificuldade em promover a divulgação, entretanto, deve-se a ausência de uma política de comunicação eficiente nas Universidades públicas do estado. Os gestores dessas instituições ainda não se conscientizaram da importância de ter, em sua estrutura organizacional, um sistema planejado de comunicação integrada, capaz de difundir, de forma eficaz, a produção científica. Essa carência reflete diretamente, de forma negativa, na produção de notícias sobre CT&I, nas redações dos jornais.

Os jornalistas baianos, muitas vezes, acabam dando preferência a pesquisadores de outros estados devido ao recebimento de conteúdo de agências de notícias e assessorias de comunicação de outras instituições, como a Universidade de São Paulo (USP). A facilidade de contato com o pesquisador é um dos fatores que influencia na seleção da notícia devido ao tempo curto que o jornalista tem para produzi-la. Por exemplo, uma pesquisa qualitativa sobre a produção de notícias para a seção ‘Observatório’, do jornal A Tarde, revelou que:

[...] a dificuldade de comunicação com os pesquisadores locais, principalmente com a UFBA, a maior instituição de pesquisa da Bahia, [...] favoreceu o material produzido com fontes externas e distribuído pelas agências de notícias e de centros de pesquisa nacionais e internacionais. (BORTOLIERO e ROCHA; 2010).

Por meio da pesquisa qualitativa, Bortoliero e Rocha (2010) ainda observaram que a assessoria de imprensa é um dos canais mais utilizados pelos jornalistas para ter acesso às instituições de pesquisa e aos pesquisadores, bem como o material divulgado pelas agências de notícias. A escolha por entrevistar um pesquisador da USP ou da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em detrimento ao da UFBA acontece tanto por causa do acesso aos resultados das pesquisas pelos jornalistas das redações, como por causa da fácil compreensão do assunto quando já está decodificado em linguagem jornalística.

Uma análise breve na página principal do site da UFBA permite perceber que nesse espaço são divulgadas apenas notícias sobre assuntos ligados à reitoria e a eventos produzidos

na instituição. Segundo Bortoliero e Rocha (2010):

O fluxo de informações das unidades da UFBA para a assessoria de imprensa não funciona, também não há esforços para construir uma cultura de comunicação interna que convença a academia a participar desse fluxo para o público externo.

Esse impasse prejudica a divulgação local e abre espaço para fontes externas nacionais e internacionais. Por outro lado, a ausência de comunicação entre a UFBA e os meios de comunicação vem sendo sanada com a criação da agência de notícias em C&T que está funcionando desde 2011, com apoio da FAPESB, Fiocruz-Bahia e a Associação Brasileira de Jornalismo Científico. Atualmente, a agência faz parte do Programa Ciência, Arte e Cultura apoiado pela PROEXT - Pro reitoria de Extensão da UFBA, que agrega também uma WEB TV Ciência e Cultura e uma agenda cultural e conta com 2 jornalistas e 10 bolsistas de jornalismo e Produção Cultural da FACOM-UFBA.

### **3.2. DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E JORNALISMO CIENTÍFICO: CONCEITOS**

Foi crucial para a produção do manual, entender os conceitos de disseminação científica, divulgação científica e jornalismo científico, não apenas para ter embasamento teórico, mas para ser capaz de distinguir cada uma dessas atividades. De acordo com Bueno (1985), a difusão científica é um gênero que se desdobra em três espécies: divulgação científica, disseminação científica e jornalismo científico. O conceito de difusão possui grande amplitude, abrangendo:

[...] os periódicos especializados, os bancos de dados, os sistemas de informação acoplados aos institutos e centros de pesquisa, os serviços de alerta das bibliotecas, as reuniões científicas [...], as seções especializadas das publicações de caráter geral, as páginas de ciência e tecnologia dos jornais e revistas, os programas de rádio e televisão dedicados à ciência e tecnologia, o cinema dito científico e até mesmo os chamados colégios invisíveis. (BUENO, 1984, p. 1243).

Ainda segundo o autor, o conceito de difusão, concebido de maneira tão larga engloba a difusão para especialistas e a difusão para o grande público em geral. A primeira, Bueno (2009) chama de disseminação científica; a segunda trata por divulgação científica. É esse

segundo tipo de difusão que interessa para o manual, que o autor define da seguinte forma:

[...] na prática, a divulgação científica não está restrita aos meios de comunicação de massa. Evidentemente, a expressão inclui não só os jornais, revistas, rádio, televisão ou mesmo o jornalismo on-line, mas também os livros didáticos, as palestras de ciências [...] abertas ao público leigo, o uso de histórias em quadrinhos ou de folhetos para veiculação de informações científicas (encontráveis com facilidade na área da saúde / Medicina), determinadas campanhas publicitárias ou de educação, espetáculos de teatro com a temática de ciência e tecnologia (relatando a vida de cientistas ilustres) e mesmo a literatura de cordel, amplamente difundida no Nordeste brasileiro. (BUENO, 2009, p. 162).

Já o Jornalismo Científico, de acordo com Bueno (2012), diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalístico.

### **3.3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL**

De acordo com Massarani e Moreira (2010), o desenvolvimento científico e tecnológico do país só começou a ganhar força a partir do século XIX, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil. Nesse período surgiram as primeiras instituições de ensino superior, a Faculdade de Medicina da Bahia (Famed), primeira faculdade do Brasil, a Real Academia Militar e o Museu Nacional. Também nesse momento, Os primeiros jornais como a Gazeta do Rio de Janeiro, O patriota e o Correio Braziliense (editado na Inglaterra) começaram a publicar artigos e notícias relacionados à ciência.

Nesse século, os principais divulgadores eram homens ligados à ciência por sua prática profissional como professores, engenheiros ou médicos ou por suas atividades científicas, como naturalistas. A comunicação era voltada especialmente para as elites.

Já no século XX, um marco determinante para a divulgação da ciência foi a criação, em 1916, da Sociedade Brasileira de Ciências, que se transformaria depois, em 1922, na Academia Brasileira de Ciências (ABC). Dentro da ABC fundou-se a primeira rádio brasileira, em 1923: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Criada por um conjunto de cientistas, professores e intelectuais, a Rádio Sociedade trazia, além de música, cursos e palestras de divulgação científica.

Outros dois marcos importantes entre as décadas de 40 e 50 foi a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948 e a criação da primeira agência

pública de fomento à pesquisa, em 1951, o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), atualmente, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A SBPC tinha como objetivo promover a popularização da Ciência e de fato, viria a se tornar, principalmente a partir dos anos 70, a principal entidade a promover eventos e publicações voltadas para a divulgação científica. Em 1982, a instituição criou a primeira revista especializada em C&T do país que circula até os dias atuais e é referência na área, a Ciência Hoje<sup>1</sup>.

Algumas iniciativas nas Universidades também foram importantes para a expansão da divulgação científica no país:

A Universidade de São Paulo (USP) leva o crédito de ser a pioneira no campo da divulgação científica, quando cria, em 1966, a Escola de Comunicações Culturais. No ano seguinte surge um curso de jornalismo capaz de assimilar a cultura científica difundida pela instituição. (FERREIRA e PORTO; 2010, p.120).

Ainda de acordo com Ferreira e Porto (2010), em 1970, foi realizado o primeiro curso de extensão sobre jornalismo científico, ministrado pelo divulgador espanhol, Manuel Calvo Hernando, na Universidade de São Paulo.

Já em 1977, foi fundada a Associação Brasileira de Jornalismo Científico, que tem entre seus objetivos, além das ações corporativas, a democratização do conhecimento científico e tecnológico. (Duarte; Silva, 2012).

### **3.4. O PIONEIRISMO DE JOSÉ REIS**

O médico, microbiologista, economista e divulgador da ciência José Reis, professor da Universidade de São Paulo, é considerado um dos pioneiros do jornalismo científico no Brasil. Em 1932, José Reis começou a publicar artigos e folhetos para o público não especializado em problemas científicos.

Em 1947, esse divulgador produziu artigos para os jornais Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite, que depois se fundiram formando o jornal Folha de São Paulo. Mas foi em 1948, que José Reis deu um salto significativo para a divulgação da ciência no Brasil, fundando, juntamente com outros cientistas, a Sociedade Brasileira para o Progresso da

---

<sup>1</sup> As informações foram retiradas do livro: Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil, no capítulo: aspectos históricos da divulgação científica no Brasil.

Ciência (SBPC).

Até a sua morte, José Reis manteve, todos os domingos, uma coluna dedicada a temas de ciência na Folha de São Paulo. Em homenagem a suas atividades e trabalhos, foi criado, pelo CNPq, em 1978, o Prêmio José Reis de Divulgação Científica para premiar anualmente indivíduos e instituições que tenham desenvolvido trabalhos relevantes na área da divulgação científica.

### **3.5. EXPERIÊNCIAS NO ESTADO DA BAHIA**

No ano de 2001, foi criada a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Fapesb, órgão vinculado à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI, que tem como objetivo fomentar o desenvolvimento em Ciência Tecnologia e Inovação.

Esse órgão já lançou vários editais, realizou várias concessões de bolsas a estudantes e pesquisadores, além de investir em projetos e programas para o desenvolvimento científico e tecnológico do estado.

Já a SECTI surgiu em 2003, para ser responsável pela coordenação, direção, formulação e implementação da Política Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que antes era de responsabilidade da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia – Seplante, criada em 1970. Em 2008, começou a ser construído o primeiro Parque Tecnológico da Bahia, segundo a SECTI, com o objetivo de alavancar as pesquisas do estado, através da união do setor público, privado e acadêmico em um único local.

Merece destaque maior, porém, a iniciativa de alguns pesquisadores na Faculdade de Comunicação (Facom) da UFBA, como a formação de grupos de pesquisa em jornalismo científico; a qualificação na formação de pesquisadores nesta linha com apoio de bolsas de Iniciação Científica; e a formação de mestres e doutores sob a coordenação da professora Simone Bortoliero.

Também com iniciativa da pesquisadora Simone, em 2010, o curso de especialização em jornalismo científico foi disponibilizado para jornalistas, na mesma instituição e em 2011, foi disponibilizada na internet a agência de notícias em CT&I do estado, já citada anteriormente. O veículo já reuniu várias notícias sobre a produção científica das universidades baianas. Além disso, conta com entrevistas e um banco de fontes com informações e contatos dos pesquisadores, o que facilita o trabalho dos jornalistas. Por outro lado, os jornais baianos não tem editoria ou cadernos diários para esse tipo de matéria. Apenas

o Jornal A Tarde dedica uma página às notícias de CT&I aos domingos, mas nem sempre as notícias seguem o modelo esperado pelos divulgadores da ciência com a promoção de um diálogo entre pesquisadores, a consulta de várias fontes e a diversificação de assuntos. Sinal de que ainda há muito a conquistar.

### **3.6. COMO O JORNAL PODE CONTRIBUIR PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

O jornal pode ser um grande aliado dos divulgadores científicos. O principal produto dos periódicos é a informação, por tanto, são instrumentos indispensáveis à formação intelectual das pessoas. Além disso, os meios de comunicação de massa são a principal fonte de informação em CT&I disponíveis ao grande público. Para a maioria das pessoas que deixaram a escola, o jornal (principalmente o televisivo) passa a ser o único meio de informação de que se tem acesso e de certa forma, se torna a única fonte de conhecimento.

De acordo com a teoria da Agenda Setting, formulada por Mc Combs e Shaw (1970), o principal efeito da imprensa é pautar os assuntos na esfera pública. Segundo essa teoria, os meios de comunicação dizem à população em que pensar, como pensar e o que pensar sobre os assuntos noticiados. O público tem a capacidade de discriminar ou escolher o que lê e consome como informação, o que se reconhece, entretanto, é a possibilidade de o jornalismo incluir temáticas no cotidiano das pessoas. Com essa influência, o jornal pode ajudar a introduzir assuntos de CT&I no conjunto de discussão das pessoas e fazer com que a informação se transforme em conhecimento.

Esse resultado não depende unicamente do pesquisador, pois as matérias passam por seleção de repórteres e, principalmente de editores. Mas, orientar esse público a ser mais acessível e manter contato com a mídia, é uma iniciativa que pode ajudar.

## **4. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Foi um longo processo até a conclusão do Manual. Entre as várias etapas figuraram o processo de captação de dados, consultas a vários acervos jornalísticos e bibliográficos, contatos com diversos jornalistas, inclusive com os diretores dos jornais impressos para saber se são favoráveis ou não à divulgação e organização de contatos e breves explicações sobre os principais jornais do estado, consultados em sites ou através de contato telefônico.

### **4.1 PESQUISA TEMÁTICA**

A pesquisa bibliográfica começou a ser feita há mais de um ano. Desde quando fui bolsista da Fapesb em abril de 2010 comecei a consultar livros e artigos sobre a divulgação científica. A maioria, de autores reconhecidos na área, como Manuel Calvo Hernando, Wilson da Costa Bueno e Luisa Massarani. Quando, finalmente, escolhi fazer o manual como Trabalho de Conclusão de Curso, intensifiquei a leitura.

Para ter uma noção do conteúdo e da estrutura de um manual comecei a ler outros manuais de comunicação, como o manual de redação da Folha de São Paulo, o Guia de Divulgação Científica, organizado por Massarani e outros, o Pequeno manual de Divulgação Científica, do autor Cássio Leite de Vieira e por último, Divulgação Científica e Jornalismo Científico na Região Nordeste: Um guia para colaborar na escrita e na busca por fontes, das autoras Rosana Soares e Silvana Pereira.

Depois de ter mais ou menos uma noção de como produzir o manual comecei a pesquisar os temas que seriam recorrentes no livro. Além de recorrer a livros e artigos científicos, consultei durante uma semana, os jornais A Tarde, Correio, Tribuna da Bahia e Massa. Acessei vários sites como o da Fapesb, Agência de Notícias da UFBA, várias outras agências no país e revistas especializadas.

Também consultei sites de autores que se destacam ou se destacaram na divulgação científica como Wilson Bueno, Manuel Calvo Hernando e José Reis. E de instituições especializadas no tema como o Núcleo José Reis de Divulgação Científica da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo ECA/USP, o portal do jornalismo científico e do observatório da imprensa, dentre outros.

## 4.2 SUBDIVISÕES

O processo de produção do manual, ao mesmo tempo em que é desgastante, é surpreendente. À medida em que se escreve e se pesquisa, as ideias brotam como água da rocha em uma nascente de rio.

Desde o início, sabia que deveria contar um pouco a história da divulgação científica no país e relatar as principais iniciativas realizadas no estado. Também sabia que precisava conceituar, a partir de outros autores, a disseminação científica, a divulgação científica e o jornalismo científico. Sugestão de comportamentos diante da imprensa, orientações para a transformação de pesquisas em notícia e contatos de veículos de comunicação especializados e não especializados, também eram conteúdos indispensáveis ao manual. Mas, eu queria encontrar uma forma de sensibilizar o pesquisador para que ele fizesse a parte dele. Sabendo que há pesquisador que não considera o jornal um instrumento desnecessário ou tendencioso, o questionamento que sempre vinha à mente durante a produção do manual era: Como convencer o pesquisador a promover a divulgação?

Por isso, decidi iniciar o livro falando do cenário educacional do Brasil e das pesquisas de opinião realizadas pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) e pela pesquisadora Simone Bortoliero. Nessa mesma tentativa de convencer o pesquisador decidi fazer mais três capítulos sobre a importância de divulgar. São eles: Por que divulgar, Para quem divulgar e O que ganho com a divulgação. Esse último capítulo fazia parte do primeiro e se despreendeu, porque achei mais adequado dizer ao pesquisador, de forma separada, o que ele ganha com a divulgação científica. Todos esses capítulos foram criados para suprir a tentativa de atrair o pesquisador a se tornar um divulgador.

Inicialmente pensei em dividir o livro em duas partes, percebi aos poucos que havia temas que não se encaixava em nenhuma das duas partes e criei uma terceira parte: Conhecendo as mídias baianas, que se ajustou entre as outras duas.

A orientação da professora Simone foi fundamental para criar um capítulo que detalhasse a Agência de Notícias em CT&I da UFBA, já que é um espaço especializado e vem ganhando força na capital baiana. Explicar ao pesquisador os vários formatos jornalísticos publicados no site e a função de cada link se fez necessário, para mostrar a esse especialista de que forma ele pode produzir material para a agência. O espaço de opinião, por exemplo, depende unicamente da produção de artigos pelo pesquisador, e atualmente conta com pouco material devido à carência de envio.



Quanto mais escrevia e criava novos capítulos sentia que faltava abordar mais assuntos. Por meio da orientação examinadora da banca, finalizei a estrutura do manual, excluindo os capítulos que abordavam conceitos e aspectos históricos, e mudei a primeira parte do manual de ‘Saiba o que é Divulgação’ para ‘Promova a Divulgação’. Essa mudança ocorreu devido à exclusão dos capítulos com conceitos e história da divulgação científica, com o objetivo de tornar o manual mais direto com um início mais objetivo. Ainda por sugestão da banca, os conceitos e aspectos históricos foram migrados para a memória do manual.

#### **4.5 FONTES**

O tempo não foi aliado, visto que estagiei durante todo o período de produção do trabalho. Por outro lado, o estágio no Jornal Massa possibilitou experiências indispensáveis à elaboração do manual. Pude vivenciar o trabalho de uma redação e o fazer diário de um jornal de perto. Tanto do Jornal A Tarde, como do jornal Massa, que dividem a mesma redação.

Também graças ao estágio, tive facilidade de entrevistar o diretor de redação do jornal, Vaguinaldo Marinheiro. Facilidade não obtida com os jornais Correio e Tribuna da Bahia. Para entrevistar Sérgio Costa, diretor de redação do Correio tive que telefonar várias vezes e para conseguir a entrevista com Paulo Roberto Sampaio, diretor do Tribuna da Bahia tive que ir ao jornal, já que as inúmeras tentativas de contato por telefone foram em vão.

A pesquisa por jornais da mídia baiana e os respectivos contatos foi extremamente desgastante. Surpreendeu-me ver que algumas emissoras de televisão não tinham a explicação resumida e o horário de cada programação no site e, por isso, tive que entrar em contato com a emissora para checar essa informação.

Da mesma forma, nem todos os sites das revistas brasileiras especializadas em CT&I tinham o histórico e conteúdo das revistas e os contatos da editora. Nesse caso, tive que checar em outros sites, na própria revista, ou através do contato telefônico com a editora.

Mantive contato com jornalistas da especialização e com o professor de assessoria de Comunicação, Francisco Araújo, para ter maior direcionamento para elaborar o manual. Entrei em contato com o setor de circulação dos jornais impressos para saber a circulação dos jornais no estado.

De 06 a 13 de janeiro, consultei os quatro jornais da capital no acervo do Jornal A Tarde, em busca de cadernos especiais em CT&I. Nem sempre o espaço para notícias em CT&I era identificado com facilidade. A entrevista com os diretores contribuiu nesse aspecto.

Por exemplo, foi através da entrevista com o diretor de redação do Correio, Sérgio Costa, que soube que todo domingo é publicada uma matéria de saúde na editoria Mais do Correio. Como consultei o jornal durante uma semana, não foi fácil distinguir se essa matéria era publicada todo domingo ou foi publicada apenas no domingo em que consultei o jornal.

Além dos jornais, li revistas especializadas como a Ciência Hoje, Com Ciência Ambiental, Galileu, Scientific American Brasil e Superinteressante para conhecer a abordagem da Ciência, Tecnologia e Informação nessas revistas.

#### **4.6. INVESTIMENTO PARA PRODUZIR O MANUAL**

Para melhorar a qualidade do manual seria necessário gastar inicialmente R\$ 750,00, apenas com a produção de um exemplar, que servirá de modelo para a publicação dos demais. A diagramação de cada página de uma cor custa R\$ 5,00 e entre duas e quatro cores R\$ 6,00. A arte e impressão da capa custam R\$ 90,00 e a impressão das páginas custa R\$ 1,00 por página. Já a revisão linguística de cada página com 1.500 caracteres, custa R\$ 6,00. Esse valor foi calculado com base em apenas um exemplar, sem levar em conta a publicação do manual e a inserção de infográficos, a produção de arte e a impressão em material de melhor qualidade.

Fui agraciada com a colaboração de dois amigos diagramadores que produziram a capa sem cobrar nada em troca e com a disposição de Genilson Santos, diagramador do Jornal Massa que diagramou o livro por um preço mais em conta.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciativas como a criação de um curso de especialização em CT&I e da agência de notícias em CT&I da UFBA, coordenados pela pesquisadora Simone Bortoliero, e o investimento em popularização da ciência feito pela FAPESB contribuem para a divulgação científica no estado. Apesar dos avanços, ainda há pontos que podem melhorar. Alguns pesquisadores ainda são inacessíveis devido à ausência de sites e redes sociais para o grupo de pesquisa e de telefone e e-mail para contato nos sites das pós-graduações da UNEB e UFBA.

A falta de uma política de comunicação integrada dentro das universidades do estado dificulta o contato entre jornalistas e fontes especializadas e abre espaço para a consulta de fontes externas, estaduais e internacionais para produzir notícias de CT&I.

Nos jornais da capital, a divulgação Científica ainda exerce pouca influência. Apenas o jornal A Tarde dedica a sessão Ciência e Vida, de uma página, para a publicação de matérias sobre CT&I. E os jornais Correio e Tribuna da Bahia dedicam um dia da semana para publicar matérias sobre saúde e meio ambiente, respectivamente, ou publicam matérias esporádicas sobre o tema. O jornal Massa dedica uma seção para matéria de saúde, porém com linguagem simples, por ser um jornal popular, destinado ao público formado pelas classes C e D.

Divulgar a ciência nos meios de comunicação massiva seria um incentivo muito grande para despertar o interesse por ciência e tecnologia nos jovens, já que esses meios conseguem pautar, de certa forma, a esfera pública.

Apesar de não adotar uma editoria diária, como a de esporte, economia e entretenimento para o assunto, os diretores dos principais jornais impressos da capital afirmam ter interesse em publicar esse tipo de matéria e relatam que é importante para os veículos receber informações da produção científica nas instituições de pesquisa, que podem ser enviadas por meio dos próprios pesquisadores. Não é possível mudar a política do jornal de forma imediata, fazendo com que as notícias em CT&I sejam publicadas diariamente em uma editoria específica, mas é possível incentivar os pesquisadores baianos a serem mais acessíveis à mídia e a fornecer seus artigos para serem publicados nos veículos de comunicação em geral e nas mídias especializadas. E essa é a função desse manual.

A divulgação da ciência contribui para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. A sociedade só se desenvolve quando os cidadãos são bem informados.

Promover a divulgação, além de ser uma atitude ética, já que a maioria das pesquisas é financiada por dinheiro público, originado de impostos, é um gesto de cidadania, pois

democratiza o conhecimento.

O pesquisador está sempre cheio de compromissos. Raramente se dedica a pesquisar sobre o jornalismo. Muitos até desenvolvem interesse em promover a divulgação, mas não tem noção de como se comportar, de como redigir um texto jornalístico e a quem mandar. O objetivo desse trabalho é fornecer informações rápidas e eficientes que os ajudem nesse papel difícil de promover a Divulgação da Ciência para o público em geral.

## 19. REFERÊNCIAS

A Tarde. Salvador: 1912. Diário. ISSN 1516947-2.

ALCÂNTARA, Mariana Meneses. **Assessoria de imprensa especializada em jornalismo científico: A experiência do 29º congresso brasileiro de zoologia**. Trabalho de Conclusão de Curso da especialização em jornalismo científico fornecido pela autora: 2012, 81 p.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

BISTANTE, Luciana; BACELAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2003.

BORTOLIERO, Simone. Cientistas da Bahia ainda são anônimos para jovens do estado. In: **Ciência e Cultura: agência de notícias em CT&I da Bahia**. Salvador, 19 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/opiniaocientistas-da-bahia-ainda-sao-anonimos-para-maioria-dos-jovens-do-estado/>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

BUENO, Wilson da Costa. A formação do jornalista científico deve incorporar uma perspectiva crítica. In: **Diálogos & Ciência**. Ano 10, n 29, março, 2012.

\_\_\_\_\_. As fontes comprometidas no Jornalismo Científico. **Diálogos entre ciência e divulgação científica leituras contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011, v. 5, p. 55-72.

\_\_\_\_\_. Jornalismo Científico: Conceito e Funções . **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, v. 37, n.09, p. 1240-1247, 1985.

\_\_\_\_\_. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça e BORTOLIERO, Simone (org). **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print, 2009, p. 157-178.

CALDAS, G. O papel das assessorias de comunicação na divulgação da ciência: a experiência da Unicamp. **Revista Comunicarte, Campinas, PUC**, v. 15, n. 21, 1997.

Correio. Salvador: 1978. Diário. ISSN 1518-0298.

COSTA, Márcia ; BORTOLIERO, Simone Terezinha. O jornalismo científico na Bahia: a experiência da seção Observatorio do jornal ATarde. **Diálogos & Ciência** (FTC Feira de Santana. Impresso), v. 1, p. 12-24, 2010.

DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: teoria e técnica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011. v. 1. 444p.

Duarte, Rosana ET AL. **Divulgação Científica e Jornalismo Científico na Região Nordeste: Um Guia para Colaborar na Escrita e na Busca por Fontes**. Trabalho de Conclusão de Curso da especialização em jornalismo Científico fornecido pela autora: 2012, 138 p.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. **Editais e Chamadas Públicas, 2012**. Disponível em: < [http://www.fapesb.ba.gov.br/?page\\_id=219](http://www.fapesb.ba.gov.br/?page_id=219) >. Acessado em: 01 mar. 2013

HERNANDO, Manuel Calvo. La divulgación de la ciencia, un instrumento al servicio de la democracia y el equilibrio cultural. In: **El periodismo científico en el siglo XXI, una vía hacia el desarrollo sostenible**. 1999. Disponível em <<http://www.manuelcalvohernando.es/articulo.php?id=26>>. Acessado em: 20 nov. 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Analfabetismo no país, 2011**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2222&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1)>. Acessado em: 10 nov. 2012.

JOUBERT, Marina. Como me torno um ‘especialista’ em mídia. In: DICKSON, David; KEATING, Bárbara; MASSARANI, Luisa (Org.). **Guia de Divulgação Científica**.

Massa. Salvador: 2011. Diário. INSS 2179109-0

MASSARANI, Luiza; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, M. F. (Org.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.

MASSARANI, Luiza; DICKSON, David; KEATING, Barbara (Org.). **Guía de Divulgación Científica**. Caracas: SciDev.Net e Fundación Polar, 2005. v. 1. 56p.

MASSARANI, Luiza; AMORIM, Luis Henrique. **Jornalismo científico: um estudo de caso de três jornais brasileiros**. In: V ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2006, Bauru. Disponível em: <[revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/rbect/article/download/225/198](http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/rbect/article/download/225/198)>. Acessado em: 15 fev. 2013.

McCOMBS, Maxwell E; SHAW, Donald L. **The agenda-setting function of mass media**. In: Public Opinion Quarterly, Vol. 36, Número 2, Summer 1972, p. 176 a 187.

MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Pesquisa de Percepção Pública da Ciência**, 2010. Disponível em <[http://www.mct.gov.br/upd\\_blob/0214/214770.pdf](http://www.mct.gov.br/upd_blob/0214/214770.pdf)>. Acessado em: 18 dez. 2012.

NETO, Alcino; Magnoli, Demétrio (Coord.). **Manual da Redação: Folha de São Paulo**. 17 ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**, São Paulo: Contexto, 2002 (coleção Comunicação)

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PALÁCIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Susana; RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português**. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2002. V. 1.

PONTES, Luiz Guilherme. **Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia**. 2 ed. Empresa Gráfica da Bahia, 2005. 158 p.

PORTO, Cristiane de Magalhães; BROTAS, Antônio Marcos Pereira; BORTOLIERO, Simone Terezinha (Org.). **Diálogos entre Ciência e Divulgação Científica: Leituras Contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2011. 240 p.

SANT'ANA, Feancisco. **Radiojornalismo no Brasil: Um jornalismo sem jornalistas**. São Paulo: Líbero, 2008. V. 11.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. V. 1.

Tribuna da Bahia. Salvador: 1969. Diário. ISSN 19809042-2.

VIEIRA, Cássio Leite de. **Pequeno Manual de Divulgação Científica**. 1 ed. São Paulo: Ciência Hoje, 1999.

Vilas Boas, Sergio. **Formação e Informação Científica Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. V.1, 123 p.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

